

O futebol “de várzea” é “uma várzea”!?

Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre

*Mauro Myskiw**
*Marco Paulo Stigger***

Resumo: Este estudo retrata a análise da relação entre a noção de organização quando aproximada “da várzea”. Fizemos isso tendo como base um estudo etnográfico multilocalizado realizado entre fevereiro de 2009 e dezembro de 2011, num circuito de futebol da cidade de Porto Alegre, reconhecido como “Municipal da Várzea”. Nesse circuito foram produzidas diferentes trajetórias de imersão, com o intuito de seguir pessoas, práticas e artefatos relacionados aos processos de organização das competições e dos times. Procuramos mostrar como a “organização varzeana” resulta da tensão entre dois modelos, aqui compreendidos a partir das categorias “mais próximo do profissional” e “aqui é a várzea”. Com base no exercício de análise do campo empírico, pudemos entender que a expressão “uma várzea”, no universo da organização futebolística estudado, não pode ser compreendida simplesmente como falta ou carência de organização, mas sim enquanto construções locais que não estão suscetíveis tão somente às lógicas de um universo simbólico, pois dependem do reconhecimento de dinâmicas e agenciamentos da vida cotidiana que vão para além do jogo propriamente dito.

Palavras-chave: Gestão. Futebol. Várzea. Etnografia. Organização.

*Colegiado do Curso de Bacharelado em Educação Física. Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras (CCHEL). Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil. E-mail: mmyskiw@hotmail.com

** Departamento de Educação Física. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil. E-mail: stigger.mp@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Não é incomum, no cotidiano da gestão esportiva, o uso da expressão “uma várzea” para se referir a algo menos organizado, no sentido de requerer maior “profissionalismo”. Quando relacionada com a carência de organização, a noção de *várzea* colabora numa construção enunciativa depreciativa, não raramente também utilizada para além da dimensão esportiva. É exatamente sobre essa relação que trata *várzea* como sinônimo de desorganização que apresentaremos alguns argumentos no sentido de problematizá-la, tendo como referências os resultados de um estudo etnográfico¹, cujo objeto de análise foi um importante circuito de futebol da cidade de Porto Alegre, frequentemente denominado de ‘Municipal da Várzea’. A materialização desse circuito envolvia a *parceria* entre Ligas de Futebol (de bairros, de vilas, de campos, de praças ou de parques) e a Gerência de Futebol da Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME) daquela cidade. No primeiro semestre do ano as Ligas cadastradas² na Gerência de Futebol promoviam *os Regionais* e indicavam os classificados para *o Municipal*, realizado no segundo semestre, sob a coordenação da SME³.

A tônica da investigação nesse circuito foi seguir agentes, práticas e artefatos do futebol não apenas nos campos, nas praças e nos parques, mas também nas reuniões, nas festas, nas excursões, nos bares, nas ruas, nas residências; não apenas no âmbito da SME, mas também nas Ligas e nos grupos-times envolvidos; não apenas numa fase do circuito, mas em várias de suas temporalidades (nos amistosos preparatórios, nas fases classificatórias, *nos mata-mata* e *nas decisões*). Nesses múltiplos espaços-tempos futebolísticos foram produzidas diferentes trajetórias de imersão, sendo os estranhamentos em torno da noção de organização bastante relevantes na compreensão da gestão do futebol *varzeano*.

¹ O estudo foi desenvolvido durante 33 meses, entre fevereiro de 2009 e dezembro de 2011.

² 25 Ligas em 2009, 26 em 2010 e 22 em 2011.

³ Por isso, doravante, denominaremos de circuito Ligas-SME.

Nas trajetórias etnográficas multilocalizadas empreendidas, ‘a organização’ revelou-se uma categoria privilegiada para se estudar os significados atribuídos ao futebol, como também para a compreensão da expressão *várzea*.

É em vista disso que apresentamos algumas análises em torno dessa categoria – a organização – tão comum no âmbito das vivências esportivas, mas tão pouco estudada do ponto de vista antropológico. Soma-se a isso a conotação pejorativa que ela assume quando relacionada com *a várzea*. O objetivo é o de problematizar uma atitude frequente e arbitrária: a de classificar e explicar ‘a organização’ a partir de uma dicotomia intensamente presente na literatura sobre gestão esportiva, tentando encaixá-la em dois modelos, o ‘profissional’ e o ‘amador’. Nessa lógica, que tem um viés evolucionista, normalmente assume-se o modelo ‘profissional’ como parâmetro legítimo; assim, uma organização ‘amadora’ poderia/deveria avançar (evoluir) na direção da sua ‘profissionalização’. Diferente disso, nosso propósito é abordar ‘a organização’ como um construto que nos possibilitou estranhar as classificações e hierarquizações e entender que – quando olhadas ‘de dentro’ – podem ser notadas nuances capazes de reservar surpresas.

Esse posicionamento de investigação deriva de um movimento de estudos do esporte que critica a forma como os modelos ‘oficiais’, ‘midiáticos’ ou ‘profissionais’ marcaram o debate e a produção acadêmica em detrimento das práticas cotidianas, havendo uma demanda de pesquisas que escapem das narrativas hegemônicas e que as tensionem⁴. Nesse sentido e, especificamente no âmbito dos trabalhos sobre esse ‘outro futebol’ – cotidiano –, várias análises foram produzidas, caracterizando dois movimentos interpretativos: um deles denotando aspectos simbólicos de constituição da diversidade com que grupos-sujeitos atribuem significados distintos às práticas, conforme as particularidades das configurações socioculturais (STIGGER, 1997, 2002; GONÇALVES, 2002;

⁴ Este debate está melhor contextualizado nos trabalhos de Stigger (2005) e de Marques, Almeida e Gutierrez (2007), em que pese a heterogeneidade do fenômeno esportivo.

DAMO, 2003, 2007; MAGNANI, 2003; SILVEIRA, 2008; SILVA, 2009; PIMENTA, 2009; RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010); o outro explorando as trajetórias, os traçados, as redes, as tramas urbanas e a polifonia de atores implicados na formação dos times e na produção de sentidos sobre o futebol e seus espaços (BAULER, 2005; HIRATA, 2005; SPAGGIARI, 2009).

É exatamente na interface desses dois movimentos interpretativos que o presente estudo sobre ‘a organização’ encontra sua justificativa (e lacuna de conhecimentos), sobrepondo os esforços analíticos de observações das particularidades das configurações e, simultaneamente, tratando das trajetórias, das tramas e dos dramas urbanos implicados na circulação dos atores. A relevância de tal posição foi reforçada já nos primeiros meses da investigação, que fora iniciada em 2009 nas salas de reuniões da Gerência de Futebol da SME, observando encontros de representantes das Ligas com o intuito de organizar as participações no circuito municipal *da várzea*. Neles, não raramente, emergiam disputas entre aqueles que discursavam por uma organização *mais próxima do profissional* e, em contraponto, os que defendiam que *a várzea não é o profissional*, como fez o Mendes⁵, presidente da Liga da Praça Catanduvás, ao discursar para cerca de 200 pessoas, a maioria delas vinculadas aos times:

É óbvio que tem a questão *da várzea*, nós estamos *na várzea*, não podemos aplicar todas as regras que aplica no futebol profissional aqui *na várzea*, nós vamos matar *a várzea*, não tem nada a ver uma coisa com a outra. (DC, 04/08/2009)

Após proferir essa afirmação o Mendes foi intensamente aplaudido por grande parte dos que estavam presentes e foi essa manifestação que destacou ‘a organização’ como uma categoria a ser estudada. Naquele momento, algumas questões foram inevitáveis: Que ‘lugar’ é esse – *a várzea* –, que não tem nada a ver com ‘o profissional’? Por que esta afirmação em tom

⁵ Os nomes dos interlocutores, das praças, dos parques, das vilas foram substituídos.

de reclamação ‘da organização profissional’ foi intensamente aplaudida? Essa reclamação seria uma afirmação de contraponto, denotando que o futebol “da várzea” não é “uma várzea”? Com o objetivo de responder a essas indagações, passou-se a seguir pessoas, práticas e artefatos relacionados à organização do circuito Ligas-SME, entendendo que eles, nas suas trajetórias urbanas, colocavam em ação disputas simbólicas. Ao longo deste trabalho apresentaremos algumas dessas disputas, sendo nosso objetivo analisar ‘a organização *varzeana*’ enquanto uma construção que deve ser compreendida a partir dos universos de significados a que ela pertence.

O modo de pesquisa, como mencionamos, foi a etnografia. O entendimento e a materialização dessa maneira de produção de conhecimentos guardou concordância com a compreensão de Magnani (2009), para quem o pesquisador, na prática etnográfica (observação, observação participante, diários de campo, entrevistas, levantamento de documentos), entra em contato com os interlocutores e seus horizontes, seguindo-os até onde seja possível, numa relação de troca, com a finalidade de comparar as suas teorias (acadêmicas) com a teoria deles (nativas) e, assim, tentar sair com um entendimento não previsto anteriormente. Além disso, essa busca de entendimento envolveu uma abordagem multilocalizada, uma vez que a produção e atribuição de sentido sobre ‘a organização’ era tributária do que ocorria em diferentes lugares e estavam implicadas pela circulação. Tal abordagem, conforme postula Marcus (2001), tem como propósito mapear as conexões, seguir os fluxos e as ressonâncias nas ações das pessoas, nos discursos, nos documentos, etc. Cabe ao etnógrafo, para além dos limites de grupos ou de locais, conectar os múltiplos lugares e analisar como a relação e a circulação entre eles também colocam em questão as disputas simbólicas (nesse caso, em torno da organização).

Em vista dessa construção metodológica, o que trazemos a seguir é a descrição de alguns destes lugares do circuito (Gerência de Futebol; a Liga *Exemplar*; e a Liga *de Vila*), das trajetórias, das

tramas e dramas que incidem sobre a ação de alguns interlocutores-dirigentes encarregados da organização (Madureira, Souza, Alencar e Miranda). Em razão dos limites impostos para um artigo, as interpretações dessas descrições privilegiam a apresentação – no sentido de tornar inteligível – das ‘teorias nativas’ (demarcadas pelas categorias *mais próximo do profissional* e *o aqui é a várzea*), tendo em vista os dois movimentos que enunciamos anteriormente, cujas análises apontam para teorias, no sentido de destacar a relevância das tensões derivadas do exercício etnográfico. Ao final, mostramos como, exatamente, a justaposição desses movimentos interpretativos e as conexões dos múltiplos lugares ajudam a responder nossos questionamentos.

2 NA GERÊNCIA, COM O MADUREIRA E COM O SOUZA

O estranhamento da organização foi se constituindo, sobretudo, nas reuniões de representantes das Ligas, chamadas de *conselhos arbitrais*, ocorridos na Gerência de Futebol da SME. No final do mês de fevereiro ou início de março, os representantes das Ligas da cidade eram convidados a participar de reuniões que precediam o início *do Municipal*. O objetivo era ‘discutir’ e ‘aprovar’ o regulamento geral que orientaria as práticas de todas as Ligas cadastradas, que realizavam *os Regionais* e que desejavam contar com vagas na segunda fase. Estes encontros serviam para ajustar o regulamento diante de um discurso bastante válido, de que se devia ‘manter o que estava funcionando e abordar somente os problemas’ verificados nas edições anteriores. Tais intenções colocavam um primeiro problema: *Quem e como se definia o que estava funcionando? O que era um problema?*

Mais do que o resultado de diretrizes de políticas públicas de esporte, um primeiro aspecto que foi considerado na resposta para estas questões esteve diretamente relacionado à trajetória de vida dos Gerentes de Futebol. Na sequência trazemos dois rápidos retratos dessas trajetórias, e as suas relações com o futebol: de um

lado o Madureira⁶, Gerente observado nos anos de 2009 e 2010 (*mais próximo do profissional*); de outro, Souza, observado no ano de 2011 (*mais próximo da várzea*). Sem o objetivo de afirmar que uma é melhor do que a outra, mas de dizer que marcam diferenças e disputas, o fato é que distintas trajetórias e disposições apareciam claramente enquanto esquemas geradores de avaliações e de práticas adequadas à organização do circuito Ligas-SME. Isso se tornava ainda mais significativo porque a posição, de coordenador *do Municipal*, implicava em privilégios na definição dos rumos do circuito.

Madureira (2009-2010)

Jogou futebol na infância e juventude, sendo campeão estadual de futebol amador por um time do interior do Estado. Mudou-se para a capital, onde trabalhou como vendedor, bancário, formou-se em Educação Física e também como árbitro de futebol. Atuou muitos anos na arbitragem do futebol profissional, chegando a ser aspirante ao quadro de árbitros da FIFA, ao mesmo tempo em que continuava estudando – formou-se em Administração Pública e Administração de Empresas. Concursado, trabalhou na Secretaria de Educação do Estado e, depois, na Secretaria de Esportes de Porto Alegre. Sempre esteve ligado à administração do esporte, conhecia o futebol profissional e tinha trabalhado em projetos de futebol da prefeitura. Em 2005, na transição de Governo Municipal, assumiu a coordenação da Gerência de Futebol, ficando até o final de 2010.

Souza (2011)

Jogou futebol na sua infância e juventude, em vilas de uma cidade do interior do Estado, chegando a ser convidado para jogar na categoria de base de um time profissional de sua cidade. Vindo para Porto Alegre, jogava no colégio e, depois, no time da Faculdade de Educação Física. No início eram amistosos, mas o time de professores foi reforçado com jogadores da *várzea* e passaram a disputar campeonatos. Foi desta forma que “pegou gosto pelo *futebol de várzea*”. Trabalhou com natação e depois como professor concursado do Estado, em escolas. Passou no concurso da Prefeitura e, em face

⁶ No caso dos Gerentes de Futebol da SME, antevendo a impossibilidade de garantir o anonimato, as partes do trabalho nas quais dois interlocutores eram referidas nas análises foram entregues a eles para que avaliassem a situação. Ambos demonstraram concordância com aquilo que estava registrado e não se opuseram à publicação, entendendo que o conteúdo das análises não acarretaria em problemas nas suas atividades cotidianas.

ao seu vínculo com a *várzea*, foi chamado para trabalhar organizando o *municipal*. Fez isso por vários anos, até que houve uma mudança na gestão municipal. Depois disso, assumiu a função de professor numa praça da cidade, retornando à coordenação do *municipal* em 2011.

Os privilégios de coordenadores não se sustentavam apenas em função das trajetórias dos Gerentes. Eles também diziam sobre diferentes processos de legitimação engendrados para sustentar a autoridade de quem apontava os ‘problemas’ e os transformava em ‘propostas’. Nas reuniões não restava dúvida de que o conhecimento e as disposições do Madureira, incorporadas no circuito profissional e nas faculdades, funcionavam como esquemas geradores reconhecidos e de forte impacto sobre as práticas de organização do *Municipal*. O cuidado com arquivos, protocolos e horários, com o ambiente, com o registro das informações em papéis e bancos de dados, com a (in)disciplina, com o controle das punições, a preocupação em coordenar as manifestações nas reuniões, o seu domínio manifesto de códigos, legislações, normas e regras esportivas, era facilmente notado. Ninguém podia dizer que ele não sabia o que estava fazendo. Era perfeitamente possível compreender porque o Madureira, ao explicar a melhora dos *Regionais*, disse, com orgulho, o seguinte: “fui assistir algumas finais, como a do Parque Toledo, a do Parque Iguazu. Não parecia que estavam jogando a *várzea*” (DC, 12/08/2010).

A experiência no futebol profissional e na administração ofertava um caminho, cuja credibilidade era sustentada, como o próprio Madureira enfatizava, no ‘fazer cumprir’ aquilo que foi ‘aprovado’ nas reuniões. A aprovação dessas lógicas não era descabida. Além do reconhecimento do Secretário Municipal, este rumo encontrava correspondência nas expectativas dos dirigentes de Ligas conhecidas no circuito como *as exemplares*, isto é, aquelas – normalmente as dos Parques e das Praças da região centro da cidade – que serviam de parâmetros da ‘boa organização’. Em 2009 e 2010, as intervenções dos representantes de *ligas exemplares* nas reuniões do *conselho* eram decisivas nas aprovações; seus argumentos eram valorizados, o que acabava por

fortalecer a posição do Gerente. Isso, no entanto, não significava ausência de discordância, mas o reconhecimento da autoridade. Frequentemente eram observadas manifestações contrárias ao *mais próximo do profissional*, mas, dada a conjuntura de poder, a maioria delas não extrapolavam os murmúrios mais ou menos explícitos entre os representantes das Ligas, principalmente daquelas chamadas *ligas das vilas*, frequentemente apontadas como *problemáticas*.

Em 2011, quando o Souza assumiu a Gerência de Futebol essa conjuntura foi significativamente alterada. De modo diferente, este Gerente, ao sustentar sua autoridade na coordenação dos encontros dos representantes das Ligas e do próprio *Municipal*, tratava de expor sua experiência nas *comunidades*, nas praças, nas vilas, especialmente *na várzea*, como jogador, professor e gestor de competições. Nos encontros, ele não deixava de contar suas histórias e, a forma como o fazia, deixava claro que ‘era talhado *na várzea*’. O ‘fazer cumprir’ não deixava de ter sentido, mas se reconhecia – e, então, se podia explicitar sem maiores consequências – que ‘saber levar’ não era menos significativo, isto é, que aquilo que fora aprovado, em algumas ou muitas condições, poderia ser inadequado e readequado. Nas reuniões *do conselho* de 2011, temas que antes se debatiam nos murmúrios, apareciam nas discussões abertas, com a participação do coordenador. Na sala, o arranjo de cabeças que balançavam favoravelmente a essa nova configuração – propícia para as *ligas das vilas* – era significativamente diferente daquelas que apoiavam o Madureira, preocupando os dirigentes das *ligas exemplares*, que anunciavam ‘um retrocesso’.

Não tomamos essa mudança como ‘um avanço’ (como disseram alguns, salientando que antes havia excesso de *burocracia*) ou como ‘um problema’ (como disseram outros, destacando que agora haveria indisciplina e falta de compromisso). O que procuramos evidenciar é que a organização compreendia um processo de disputas com trajetórias e arranjos distintos. As duas categorias fundamentais nessas disputas eram o *mais próximo do profissional* e o *aqui é a várzea*. Mas o que estas categorias

significavam em relação à organização? Com o objetivo de ilustrar algumas respostas aprendidas para esta indagação trazemos o quadro 1, no qual sintetizamos as diferenças em relação a 3 questões que frequentemente estavam na pauta das discussões e tensões.

Quadro 1 – Sinopse das principais questões que se diferenciavam nas duas categorias de organização.

	<i>Mais próximo do profissional</i>	<i>Aqui é a várzea</i>
Institucionalização do circuito	O circuito de futebol deveria ser organizado a partir da constituição oficial das Ligas (estatutos, diretoria, atas, etc.) e estas deveriam estar cadastradas na Gerência de Futebol (instituição responsável pelos registros, controles e punições). As práticas das Ligas nos seus <i>Regionais</i> deveriam estar alinhadas, o que se produzia mediante a padronização e circulação de documentos, como também na participação em reuniões. As Ligas que não se encaixavam (<i>as piratas, fantasmas</i>) não teriam direito a vagas no <i>Municipal</i> .	O circuito de futebol funcionaria com as Ligas operando de forma independente quanto à organização de suas competições, apenas indicando, no final, quais dos ‘seus times’ participariam do <i>Municipal</i> . O fato das Ligas se orientarem por normas, regras, códigos distintos, muitos deles não documentados não seria um problema.
Circulação dos jogadores	Para participar do circuito, os jogadores poderiam estar inscritos em apenas uma das Ligas. Na escolhida, poderiam jogar em mais de uma categoria, mas na mesma <i>agremiação</i> . Uma exceção era feita para os melhores jogadores dos times não classificados, que complementavam as equipes classificadas na Liga. O objetivo era evitar que os jogadores mudassem de time diante das dificuldades ou frente às melhores oportunidades para ganhar um dinheiro, cerveja, churrasco, etc.	A circulação dos jogadores entre as Ligas não figuraria como um problema, sendo possível que um deles estivesse participando de mais de <i>um Regional</i> simultaneamente. A favor desse discurso estavam os argumentos de que <i>a várzea</i> é um espaço de livre escolha ou também (e paradoxalmente) como um espaço de trabalho, pois vários jogadores ganhavam um <i>troquinho</i> por partida que disputavam.
Autoridade e disciplinamento	A credibilidade da organização estaria na habilidade em fazer cumprir as normatizações próprias do futebol e da competição, não deixando ‘outras lógicas’ interferirem nos resultados ou no andamento do circuito. Para tanto, uma série de artefatos de controle e disciplinamento eram ‘implantados’ (súmulas, relatórios, fichas, lista de punidos, banco de dados). Estes tinham a finalidade de orientar sobre as <i>condições de jogo</i> das pessoas.	A credibilidade dos organizadores não ignorava a necessidade de ‘fazer cumprir’ o que foi aprovado nas reuniões, mas também reconheciam que era preciso ‘saber esgueirar-se’ das determinações aprovadas para fazer com que os jogos ocorressem e terminassem. Seria reconhecer que ‘outras lógicas’ deveriam ser consideradas, dentre elas as agendas das famílias, dos trabalhos e das <i>comunidades</i> .

Fonte: Dados dos autores

Com base nesse quadro nos foi possível supor que *o mais próximo do profissional* se refere a uma categoria que compreende os esforços baseadas no distanciamento das pressões externas, com vistas a consolidar o funcionamento do circuito a partir de lógicas que lhe seriam particulares, estas inscritas nas regras, no regulamento geral e em tantos outros artefatos que conectavam e alinhavam as práticas. Note-se que a organização baseada nessa noção de distanciamento do futebol de outras esferas da vida ordinária, era justamente o que sustentava a classificação do amadorismo e sua função distintiva, característica do *ethos* de uma classe de elite inglesa⁷, mas que, aqui, se relaciona com *o profissional*. Isto é, o sentido da *profissionalização* que, noutras configurações históricas estava *mais próximo do popular*; no circuito Ligas-SME, se aproxima de uma noção de *elite exemplar*; porém esta sustentada num trabalho de fazer conhecer, reconhecer e cumprir as demandas que são particulares.

O *exemplar, mais próximo do profissional*, retrata, com maior fidelidade, aquilo que Bourdieu (1983) denominou de um *campo sportivo*, ou seja, uma realidade específica, irredutível a qualquer outra, que passou, ao longo de sua história, por um processo de autonomização, caracterizado, entre outras dimensões, pela formulação de regras, regulamentos específicos, que possibilitam intercâmbios; pela formação e ação de corpo de agentes especializados (jogadores, dirigentes, árbitros, etc.); pela constituição de instituições próprias, investidas de autoridade para dizer sobre os limites, sobre o adequado e o inadequado, para fazer cumprir e para conferir títulos. Mas se *o mais próximo do profissional* representaria exemplarmente a noção de um campo simbólico em funcionamento, qual seria o lugar da organização

7 Na literatura esportiva sobre a emergência/invenção do esporte, sobretudo naquelas de grande impacto teórico (a noção de campo em Bourdieu, 1983; de configuração em Dunning, 1992; e de invenção das tradições em Hobsbawm, 1997), nos parece ponto comum que as categorias ‘amadorismo’ e ‘profissionalismo’, sobretudo na Inglaterra, nos séculos XVIII e XIX, implicam processos de distinção de classes sociais. De um lado a aristocracia e sua orientação para o cavalheirismo, para o caráter que, distanciado das coisas da vida ordinária, se sobrepõem à vontade de vencer; de outro as classes populares e a orientação para os resultados, da aproximação, da interdependência das experiências esportivas com as coisas sérias da vida.

da várzea? A organização dela não estaria suscetível (apenas) a esse campo gravitacional de lógicas particulares imanentes? Procuraremos avançar um pouco mais sobre isso, trazendo descrições e comparações sobre as trajetórias etnográficas em duas ligas – uma *exemplar* e uma *de vila* –, destacando as trajetórias-ações de seus dirigentes.

3 NUMA LIGA EXEMPLAR, COM O ALENCAR

Logo na primeira reunião do *conselho arbitral* de 2009, os representantes das Ligas permaneceram vários minutos debatendo o item do regulamento que tratava dos uniformes, a partir da constatação de um ‘problema’: os times não estavam utilizando o *fardamento* completo (calções, camisas e meias). Isto levou o Alencar, presidente da Liga do Parque Iguazu – considerada *a mais exemplar* – a manifestar-se com a seguinte ‘proposta’: “Só vejo uma saída para isso se tiver punição [...]. Esteticamente, isso acaba com o futebol!” (DC, 05/03/2009). Nas reuniões na Gerência de Futebol, o Alencar era um daqueles que mais demandava dos colegas das outras Ligas a organização *mais próxima do profissional*, porém ele mesmo reconhecia que isso não era de interesse de todos, como fica claro na explicação abaixo:

Antes de iniciar a reunião do *conselho arbitral*, o dirigente da Liga do Parque Iguazu (Alencar) se aproxima e passamos a conversar sobre porque aquelas pessoas estariam naquele encontro. Alencar foi categórico em afirmar que “a maioria dos presidentes de Ligas também são *donos de copas*”, por isso “as decisões que são votadas aqui nem sempre são para um bom campeonato, mas pensando na presença de público nos campos onde se tem as *copas*”. (DC, 12/03/2009)

O Alencar, um senhor de meia idade, era empresário do ramo de desenvolvimento de *softwares*, mas o seu vínculo com o futebol da cidade não era recente. Jogou *na várzea* desde os 14 anos, mas

estourou o joelho, virou treinador e, depois, *cartola* do seu time⁸. Até alguns anos atrás, era ‘dono de time’, mas parou em virtude ‘dos custos’. Ficou somente com a presidência da Liga do Parque Iguazu, um dos principais espaços de lazer da cidade de Porto Alegre, localizado na região central, onde ele se fazia presente por ocasião das reuniões e das rodadas das competições. Assim como o próprio Alencar, a maioria dos times que participavam dos campeonatos da ‘sua liga’ era ‘de fora’, isto é, de outras regiões da cidade, mas que se dirigiam para aquele Parque pela qualidade dos times e da organização.

Tal como explicou o presidente desta Liga, com muito trabalho e cobrança dos órgãos públicos, foram conquistadas melhorias no campo e maior independência para utilizar o espaço. Com a ajuda do Amadeu, ‘seu vice-presidente’, Alencar promovia 4 campeonatos por ano. Para tornar o empreendimento viável, eles cobravam, dos times, taxas de inscrição, de arbitragem e multas daqueles que não cumpriam o regulamento. Boa parte destas receitas era direcionada para o pagamento dos árbitros e dos *mesários* que trabalhavam nas partidas e, às vezes, de uma pessoa para colaborar no resgate das bolas e na limpeza dos vestiários. Como *parceiros* da SME, o Alencar e o Amadeu não pagavam iluminação e aluguel do campo, mas zelavam para que o espaço figurasse como um espaço-tempo de um ‘lazer ordeiro’ das pessoas que gostavam de futebol e para que a estrutura fosse mantida e melhorada.

A análise das observações empreendidas durante duas competições (em 2009 e 2010), por cerca de 4 meses, nos fez compreender que Alencar se apoiava numa organização bastante intolerante quanto à ‘indisciplina’ e à ‘desorganização’. E isso não se relacionava apenas com a expectativa de aproximação com o futebol ‘profissional’. Para o empreendimento se sustentar naquele Parque sem maiores reclamações dos muitos outros usuários e dos moradores do entorno, as práticas não poderiam ser classificadas na categoria de “confusões” ou “desordens”. Aqueles que se vinculavam

⁸ Entrevista realizada em 12/11/2011.

aos campeonatos da Liga deveriam saber que ali as regras e o regulamento ‘do futebol’ deveriam ser cumpridos, caso contrário seriam excluídos. Esse argumento era comum nas manifestações do *presidente* e do *vice*, que, para salientar tal dinâmica citavam os exemplos de times de *patrões do tráfico*, isto é, de pessoas que estavam acostumadas a desrespeitar as leis do Estado, mas que, ali, respeitavam o regulamento das competições e as regras do jogo.

Para afirmar este respeito, um grande esforço de objetivação e subjetivação ‘da organização’ e ‘da disciplina’ era engendrado no sentido de sacralizar o regulamento, que necessitava ser *conhecido*, reconhecido e cumprido, pois isso garantia a consolidação dos limites entre o que era ‘próprio do futebol’. Disso resultava o empenho do Alencar em defender, nas reuniões do *conselho* (na Gerência de Futebol), o futebol *mais próximo do profissional*. Se o regulamento e as punições da Liga fossem institucionalizados no âmbito da SME, isso consolidaria sobremaneira o discurso local, protegendo as normatizações das ‘pressões externas’ – não seria ele exigindo, mas ‘a Secretaria’, ‘a Prefeitura’.

A partir desse entendimento ficava mais fácil compreender o apoio do Alencar ao Madureira (2009-2010) e as suas reclamações em relação ao Souza (2011). Dessa forma ele tratava de consolidar sua *parceria* no interior do Parque Iguazu, como também ficava fortalecido para, mais facilmente, convencer as pessoas sobre as práticas conforme um conjunto de normas próprias do jogo e das competições. Um dos efeitos disso era que os problemas de conduta não precisavam de amplos atos de julgamentos. Aqueles que brigavam dentro do campo ou que *encostavam* nos árbitros, já sabiam, de antemão, suas punições. Bastava, apenas, que o árbitro ou o mesário registrasse a ocorrência na súmula. Esse registro na súmula representava o próprio julgamento e a punição, o que resultava num significativo reforço da autoridade do árbitro para administrar as partidas *dentro das regras*.

Se considerássemos apenas as lógicas de sustentação da *Liga exemplar* do Parque Iguazu, poderíamos dizer que um conjunto de

disposições ‘faltavam’ noutras Ligas facilmente classificadas como hereges, notadamente naquelas acusadas de não disciplinarem, nas quais o interesse estaria voltado para a lucratividade das copas, onde se fazia o campeonato de ‘qualquer jeito’ e se deixava as coisas ‘de fora do futebol’ influenciar dentro *das quatro linhas*. Isso significa que, quando se pensava a organização *mais próxima do profissional*, não se podia reduzi-la como uma imitação do circuito profissional de futebol, mas, antes, como um exaustivo trabalho de consolidação de um universo simbólico particular e institucionalizado, sem interferências de pressões externas – um *campo*⁹. Muito desse rumo se consolidava em relação às Ligas hereges. A fim de problematizar essas classificações, sobretudo a noção de ‘falta’, passamos a retratar um pouco das dinâmicas dessas ‘outras ligas’, tendo como referência principal uma *Liga de vila*, a *Liga do Miranda*.

4 NUMA LIGA DE VILA, COM O MIRANDA

A primeira conversa com o Miranda, presidente-dirigente-dono da Liga da Vila Paraná, foi também em 2009, na reunião do *conselho arbitral*. A *Liga do Miranda* não era uma daquelas que podia ser referida como *exemplar*, porém era reconhecida pelo fato de ser uma das que mais arregimentava equipes. Esta característica colocava o dirigente numa posição de relativo destaque, mas ainda lhe pesavam os ‘problemas’ da ‘desorganização’ e da ‘indisciplina’ no futebol. Disso resultou o interesse em estudar (n)esta Liga. A partir do mês de janeiro de 2010 até dezembro de 2011, o dirigente passou a ser um interlocutor-chave desta investigação, sendo observado/acompanhado no decorrer de 22 meses, em 6 competições, em 65 rodadas de jogos, em 35 reuniões, 11 festas, 2 excursões, além de outros deslocamentos pela cidade em face às demandas da Liga, dos times e de assuntos particulares.

⁹ Na teoria bourdieusiana, um sistema estruturado de forças objetivas, uma configuração relacional dotada de uma gravidade específica capaz de impor(-se) a todos os objetos e agentes que nela penetrem. Um sistema que refrata as forças externas em função da sua estrutura interna (BOURDIEU; WACQUANT, 1995).

Trabalhador eclético da área de construção civil¹⁰, preferindo os vínculos informais, Miranda morava na vila Paraná, numa casa de alvenaria ainda em construção (como tantas outras), com sua mulher e dois filhos, sendo reconhecido como uma liderança *comunitária local*. Na sua casa, à noite, funcionava um bar, também mencionado como a sede da Liga, onde eram realizadas as reuniões do futebol. A relação do Miranda com a Liga começou em meados de 2000, quando passou a residir na vila Paraná, primeiro ajudando o Seu Baltazar na coordenação de campeonatos. Com o falecimento do Seu Baltazar, sua filha, a Elizangela, ‘ficou com a Liga’, mas ela foi para a prisão por envolvimento com tráfico e, assim, a Liga ‘ficou com o Miranda’. Foi, então, que ele a regularizou no cartório para atender as exigências da SME, começando com um campeonato de 6 times de veteranos e, nos anos de 2010 e 2011, já realizava vários campeonatos anuais, em diferentes categorias de idade, com perto de 50 times e mais de 800 jogadores envolvidos.

O campo mais utilizado pela *liga do Miranda* era o da Vila Ibema, contígua a sua. Neste campo, o dirigente era sócio da copa junto com o Borracha, pequeno comerciante local, dono de um mercado; não por acaso, ali eram realizados um grande número de partidas nos finais de semana e feriados. Nesse espaço também funcionava uma *boca do tráfico*, da qual o Miranda não fazia parte, mas sabia perfeitamente dividir os espaços numa lógica de boa convivência. Contudo, o campo da vila Ibema não era o único ‘utilizado’ pelo Miranda; havia vários outros – de regiões, bairros e vilas distintas –, nos quais os times *mandavam* seus jogos. Não foram raros os finais de semana em que uma rodada das competições movimentava mais de 10 campos, para a alegria de outros donos de copas, frequentemente, *donos de times*.

No início de 2011, o Miranda fechou o bar que funcionava na sua residência e ‘entrou de sócio’ no bar do Seu Flores, localizado ao lado da sua casa. Ali, além do bar, realizava *bailinhos* nas sextas e sábados, *matinês* nos domingos, além de festas de aniversário. O

¹⁰ Pedreiro, pintor, carpinteiro, encanador.

pessoal do futebol encorpava a freguesia e ajudava a movimentar o bar. Neste local também passaram a ocorrer as reuniões semanais da Liga. Sempre nas terças-feiras, depois que se liberavam do trabalho e passavam casa, por volta das 20 horas, os membros dos times começavam a chegar, afoitos para saber das novidades, dos resultados, da pontuação; para comentar os jogos da última rodada, a performance dos jogadores e dos árbitros; para saber onde e quando iriam jogar, quem apitaria; alguns também lá iam para tomar um *traguinho* ou um *gelo*¹¹, enquanto acompanham e/ou participam das conversas. As reuniões eram lucrativas financeiramente, chegando a ter mais de 40 pessoas, várias gastando no bar. Estava claro que o futebol era uma maneira do Miranda *fazer renda*, de *melhorar a vida* da sua família e isso dependia da sua habilidade em criar espaços de divertimento intimamente vinculados a uma extensa rede de ‘conhecidos do futebol’.

Era este dirigente de *Liga de vila*, tal como outros, que ocupava ‘um lugar’ na sala de reuniões da Gerência de Futebol da SME e recebia o regulamento, as fichas de inscrição, a lista de punidos e a súmulas. Restava saber: qual era o significado destes artefatos – e da organização proposta pela SME – ‘lá nos campos das vilas’? As respostas mais promissoras a esta questão derivaram da observação das dinâmicas de organização de 6 competições realizadas na Liga do *Miranda*. Nelas foi possível notar que a noção de *futebol mais próximo do profissional* gozava de legitimidade e alimentavam, também naquele contexto, um sentimento de ‘falta de organização’ e ‘falta de disciplina’. As críticas imputadas pelos membros das *ligas exemplares* eram faziam sentido. A existência de regulamentos, de fichas, de lista de punidos e de súmulas simbolizava a organização e a disciplina, aspectos estes valorizados pelos membros dos times, que conferiam (melhor) valor à Liga.

Contudo, ficar apenas nessa interpretação seria um exercício muito restrito. O reconhecimento do regulamento e dos outros artefatos não colocava o Miranda apenas como alguém que

¹¹ Cerveja

deslizava as disposições incorporadas nas reuniões na Gerência de Futebol da SME. Se, por um lado, os documentos instituíam o poder do circuito institucionalizado e, assim, conferiam substância às orientações do Miranda, por outro, estes mesmos documentos, ‘reconhecidos’, eram utilizados pelo dirigente da Liga para consolidar sua autoridade noutros sentidos. Não foram poucas as vezes em que ele usou a expressão ‘está no regulamento, é só ler’, seguido de uma orientação sobre o que fazer ou deixar de fazer. Porém, em várias dessas situações, o seu conteúdo sequer constava no regulamento, o que não significava a carência de verossimilhança. Tais usos gozavam de sentido dentro da lógica de alguém que se aproveitava de um reconhecimento sem conhecimento (o dos membros dos times) para fazer valer outros valores ou rumos, normalmente relacionados àquilo que se denominava de *acertos*.

De fato, na liga da vila Paraná, não se podia reduzir aos esforços de ‘fazer cumprir’ o regulamento como únicos fundamentos da ‘credibilidade da organização’. Sobrepostos a estes esforços ou nas brechas deles - e, por vezes, ao contrário deles -, a credibilidade estava relacionada com negociações oportunas com/entre os *donos* dos times, ou, ainda, com os árbitros. As reuniões das terças-feiras figuravam como momentos privilegiados para produzir *acertos* cruciais relativos ao andamento dos campeonatos e à participação dos times, ainda que em desacordo com o regulamento, como ilustram os excertos de diário de campo abaixo.

O Ednilson é um daqueles jogadores envolvido com o tráfico de drogas na vila, reconhecido por levar os *talheres* [armas] consigo para o jogo. Joga como atacante e, numa partida, levou *uma chegada* do zagueiro. Depois do jogo foi *tirar satisfações*, tentando brigar com o zagueiro. Conseguiu acertar um soco. O árbitro, sem conhecer a história do Ednilson, relatou na súmula o ocorrido. O Miranda ignorou este relatório. Conversando com o dono do time do zagueiro, ele fez um *acerto*. Para proteger-se, proteger o árbitro e o zagueiro ‘deu apenas um jogo de suspensão’, dizendo que o árbitro havia expulsado o jogador depois do jogo, o que não ocorreu. Este cartão

¹¹Cerveja

foi anotado na súmula pelo Miranda, para comprovar a punição, que foi aceita sem problemas (DC, 10/05/2011)

O Miro é árbitro que *apita* na *Liga do Miranda* e no *Municipal*, mas também era o *treinador* de um time que jogava uma partida *fora de casa*. Nesse jogo, por não concordar com uma marcação do árbitro Menezes, lhe agrediu com um soco. Este fato foi relatado na súmula e ela seguiu para a reunião de terça-feira. O Menezes é compadre do Miranda, mas era comum ouvir nos encontros reclamações de que ele ‘apitava xingando’ e que já ‘estava merecendo’ levar uns tapas para aprender a ‘só apitar’. O Miro era um dos árbitros que *trabalhava no apito* para a Liga, chegando a coordenar a arbitragem em 2010. Diferente do que prevê o regulamento – 2 anos de suspensão para o agressor –, sem querer perder o árbitro, nem *ficar mal* com o compadre, foi *acertado* punir o Miro até o final do campeonato e não enviar nada para a SME (DC, 10/05/2011)

Os *acertos* referidos acima indicam não apenas rupturas com as normas institucionalizadas, mas que havia espaços de negociações que precediam e se sobrepunham àquilo que estava ‘aprovado’. Eram espécies de invenções que não desconheciam as condições objetivas locais, como as dinâmicas do tráfico, das parcerias e dos compadrios salientados acima. O Miranda, ao organizar, não podia ser reduzido a um *agente* de um campo particular; continuaria a conviver com seu parceiro Miro, não deixaria de ser compadre do Menezes e precisaria manter boas relações com o Edenilson do tráfico. Isso, no entanto, não determinava um abandono completo do regulamento, mas talvez sua dessacralização, que apontava para uma forma de convivência pautada por outra lógica de normatização muito mais fluída e dinâmica: os *acertos*. Nem sempre o ‘correto do regulamento’ da SME era o ‘correto do acerto’ produzido na liga nas conversas, muitas delas particulares, sem testemunhas. Cumprir o regulamento era algo importante, mas respeitar os *acertos* depois de tê-los feitos era, do mesmo modo, adequado. Estes se tratavam de delimitações temporárias, sem registros em papéis, portanto sem deixar rastros mais evidentes, tal como acontecia com os documentos que circulavam e ficavam arquivados na Gerência de Futebol.

O fato é que estes *acertos* deixavam poucos rastros e, exatamente por isso, eram muito eficientes. Abriam brechas para interesses que, noutros lugares, se diria que não eram ‘do futebol’, mas ‘faziam parte’ de como as coisas funcionavam. Organizar uma competição na *Liga de vila do Miranda* não significava apenas ‘fazer cumprir’; requeria a perspicácia em ‘saber lidar’ com uma série de agenciamentos da vida cotidiana em vista da continuidade e do término do campeonato ou do torneio. A intolerância aos acertos de ocasião rapidamente inviabilizaria a realização das competições. A organização, nesse sentido, significava sobrepor, deslizar entre aquilo que fora institucionalizado no âmbito da SME e a pluralidade de *acertos* que foram produzidos dentro e fora das reuniões da liga. O Miranda, em circulação pela cidade, era um especialista nisso, representando muito bem aqueles sobre os quais se podia afirmar que ‘sabia levar’ – era um mediador nos termos da teoria ator-rede de Bruno Latour (2008)¹² ou um inventor do cotidiano na lógica da cultura popular de Michel De Certeau (2002)¹³.

Produzir *acertos* e ‘saber levar’ não significava deixar de planejar, de produzir tabelas, de fazer reuniões, de participar de encontros na Gerência de Futebol, de preencher fichas, súmulas e relatórios, de imputar punições, isto é, de desconhecer a existência de um campo particular. Contudo, tratava-se de uma maneira de organizar que necessitava reconhecer a polifonia de urgências da vida urbana nas regiões periféricas e trabalhar com elas, fazendo isso sem desconhecer a estrutura *do Municipal*, operando procedimentos minúsculos e cotidianos que jogavam com os mecanismos da disciplina institucionalizada. Essas maneiras eram negociadas e mudavam conforme as temporalidades, as espacialidades do circuito de futebol, como também em relação às pessoas, grupos-

¹² Nas explicitações da sua teoria ator-rede, Latour (2008) apresenta a noção de mediadores como os sujeitos que trabalham com as informações, transformando, traduzindo, distorcendo e modificando os elementos que transportam. Os mediadores são diferentes dos transportadores, aqueles que apenas reproduzem.

¹³ Nas teorizações sobre a cultura popular cotidiana, Certeau (2002) trata das práticas de consumo como uma produção secundária, como “[...] uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (p. 42), destacando que devemos olhar para fragmentos minúsculos, cotidianos, populares a fim de não reduzir (o que não significa negar) a sociedade a uma rede de vigilância, a uma estrutura estruturada-estruturante.

times envolvidos. Em que pese o ‘fazer cumprir’ e o ‘saber levar’, organizar jogos nas primeiras fases das competições, nos campos das vilas era significativamente diferente de fazê-lo em *campos neutros* nas praças da região central da cidade.

5 COERÊNCIAS ENTRE FAZER CUMPRIR E SABER LEVAR

No decorrer deste trabalho procuramos mostrar que a “organização varzeana” resulta da tensão entre dois modelos (nativos), aqui compreendidos a partir das categorias *mais próximo do profissional* e *aqui é a várzea*. A primeira categoria não significa exatamente uma reprodução do circuito profissional, mas a construção da organização fundamentada numa configuração ou num campo singular, irreduzível, que trata de refratar as pressões externas ou aquilo que não era considerado ‘do futebol’ (o que consubstanciava aquele primeiro movimento interpretativo – um lugar particular, com normas e valores específicos). Diferente disso, a segunda categoria denota um universo simbólico em que as imbricações com aquilo que ‘não seria do futebol’ deixam de figurar como heresias e, ao contrário, tornam-se fundamentais na própria sustentação do circuito futebolístico investigado, na medida em que as trajetórias e os dramas da vida urbana não podem ser desconsiderados (o que coloca em questão o segundo movimento interpretativo – construções polifônicas, marcadas pelas tramas urbanas).

Em consonância com esse duplo raciocínio e, retomando nossas questões iniciais, pudemos entender que *uma várzea*, no universo da organização futebolística, especialmente nas vilas, não pode ser compreendida simplesmente a partir da ideia ‘falta’ de procedimentos, de técnicas, de pessoas, de artefatos específicos reconhecidos como adequados (num *campo*). A ‘organização é *uma várzea*’ quando as construções, as ações e as omissões não estão suscetíveis tão somente às lógicas imanentes de um campo, mas dependem do reconhecimento de outras dinâmicas e agenciamentos da vida cotidiana. Se o tom depreciativo é carregado pela noção de ‘falta’ de limites do universo simbólico, nos cabe alertar que

uma *várzea* compreende um tipo de organização – não legítima – bastante complexa, que coloca em ação uma pluralidade de *acertos* tão relevantes quanto os regulamentos, códigos e leis ‘do futebol’.

Mas, além disso, como tentamos mostrar ao longo do texto, ao invés de classificarmos a organização, nos parece mais promissor pensá-la a partir da ideia de sobreposições das categorias, afinal os sujeitos (como o Miranda) estão em circulação pela cidade, conectando os múltiplos locais do circuito. Se em algumas Ligas, tal como a *exemplar* ‘do Alencar’, pudemos observar a organização *mais próxima do profissional* e em outras, como na *liga de vila* ‘do Miranda’, notamos a organização *da várzea*, fomos constantemente levados a considerar que essas categorias se mostravam sobrepostas e intercambiantes, uma vez que uma não excluía a outra, mas conviviam, ora com destaque de uma, ora com destaque para outra. Assim, nas trajetórias da organização do circuito SME-LIGAS era imperioso desenvolver práticas coerentes, cabendo aos agentes atuarem adequadamente entre o “fazer cumprir” e o “saber levar”.

Is amateur football amateurish? ethnography of the Porto Alegre Municipal Circuit of Amateur Association Football

Abstract: This study is an analysis of the notion of organization when related to amateur association football, or soccer. This has been done based on a multi-location ethnic study carried out between February 2009 and December 2011 within the soccer circuit of the city of Porto Alegre, known as the “Municipality of Amateur Soccer”. Within this circuit different immersion trajectories have been produced in order to follow people, practices and artefacts related to the processes of the organization of the teams and the competitions. We have attempted to show how the “amateurish organization” results from the tension between two models, here understood as from the categories of “closest to professional” and “here it’s amateur”. Based on the analysis exercise of the empirical field, we can realize that the expression “amateurish”, within the universe of the soccer organization studied, cannot be simply understood as lack of, or need for, organization, but rather as local constructions that are not so susceptible to the logic of a symbolic universe, since they depend on the recognition of the dynamics and assemblages of everyday life that go beyond the game itself.

Keywords: Soccer; Management; Ethnography; Organization.

El fútbol de “canchita” ¿es desorganizado? etnografía de la organización en el Circuito Municipal de Porto Alegre

Resumen: Este estudio trata el análisis de la relación entre la noción de organización cuando se aproxima al de la “canchita”. Nos basamos en un estudio etnográfico multisectorial, realizado entre febrero de 2009 y diciembre de 2011, en un circuito de fútbol de la ciudad de Porto Alegre, reconocido como “Municipal de Canchitas”. En ese circuito fueron producidas diferentes trayectorias de aproximación, con el intuito de seguir personas, prácticas e instrumentos relacionados a los procesos de la organización de las competiciones y de los equipos. Buscamos mostrar como la “organización de la canchita” resulta de la tensión entre dos modelos, aquí comprendidos a partir de las categorías: “más próxima al profesional” y “acá es la canchita”. Con base en el ejercicio de análisis del campo empírico, pudimos entender que la expresión “una canchita”, en el universo de la organización futbolística estudiado, no puede ser comprendido apenas como falta o escasez de organización, pero sí en cuanto construcciones locales que no están susceptibles solamente a las lógicas de un universo simbólico, porque dependen del reconocimiento de dinámicas y agendas de la vida cotidiana que van más allá del juego propiamente dicho.

Palabras-clave: Gestión; Fútbol; Etnografía; Organización.

REFERÊNCIAS

BAULER, S. R. G. **O futebol faz rolar mais do que uma bola:** um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana. 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. J. D. **Respostas:** por una antropologia reflexiva. Mexico: Grijalbo, 1995.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DAMO, A, S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, mai./ago., 2003.

DAMO, A, S. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias

sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 26., 2002, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2002.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2007.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 299-325.

GONÇALVES, A. M. A. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

HIRATA, D. V. **Futebol de várzea**: práticas urbanas e disputa pelo espaço na cidade de São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade São Paulo, São Paulo, 2005.

HOBBSAWM, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LATOUR, B. **Reensamblar lo social**: una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial, 2008.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 3. ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2003.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, dez., 2009.

MARCUS, G. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, DF, México, v. 11, n. 22, p. 111-127, jul./dez., 2001.

MARQUES, R. F. F.; ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo - estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 225-242, set./dez., 2007.

PIMENTA, R. D. **Desvendando o jogo**: o futebol amador e a pelada na cidade e no sertão. 2009. 225 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

RIGO, L. C.; JAHNECKA, L.; SILVA, I. C. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.3, p. 153-177, 2010.

SILVA, J. L. F. **Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional**. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa

de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPAGGIARI, E. **Tem que ter categoria:** construção do saber futebolístico. 2009. 265 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

STIGGER, M. P. **Educação Física, esporte e diversidade.** Campinas: Autores Associados, 2005.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida:** um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, 1997.

Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Endereço para correspondência:

Rua Pernambuco, 1777, Centro, UNIOESTE,

Marechal Cândido Rondon, Paraná. CEP: 85960-000

Recebido em: 02-12-2013

Aprovado em: 15-02-2014